

QUINTA-FEIRA • 07 DE MAIO DE 2015

**Diário do Minho**

Este suplemento faz parte da edição n.º 30666 de 07 de Maio de 2015, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

**IGREJA**<sup>VIV</sup>**A**

DOSSIER FAMÍLIA

# AINDA, PODEMOS FALAR DE FAMÍLIA TRADICIONAL?

— P. 4-5 —

## DO TRIPADVISOR AO CHURCHADVISOR? (II)



**PAULO TERROSO**

PADRE

Reflectir o uso da internet e das redes sociais sob o ponto de vista moral do bom ou mau uso tem tanto de simplista quanto redutor. O mesmo se pode dizer sobre a visão da rede como um mundo paralelo à realidade, como se milhões de pessoas que usam as redes sociais vivessem numa esquizofrenia permanente de uma vida dupla entre a vida real e a vida na rede.

Já Bento XVI, na 47ª mensagem para o Dia Mundial para as Comunicações Sociais, dizia que a rede é um espaço existencial, sobretudo para os mais jovens, que configura e determina a percepção da realidade e dá forma a novas dinâmicas de comunicação. Não se trata, portanto, de desconsiderar a dimensão ética mas de superá-la e colocá-la como um item de um discurso bem mais alargado.

O caso de Paul Y., que depois de ter participado em duas celebrações de eucaristia comenta e avalia numa aplicação de avaliação de negócio locais como Yelp, mas que poderia ser o TripAdvisor ou outra, ilustra bem o que afirmamos. A avaliação deste católico estadunidense não viola os princípios fundamentais dos Direitos do Homem, não ofende o

a questão de outra forma: são mais problemáticos os comentários, críticas e avaliações, ou a percepção e/ou convicção, inconsciente ou consciente, de que a escolha da paróquia está sujeita às mesmas regras de avaliação, concorrência, competição e gosto pessoal? Entendo, por isso, que o simples uso destas plataformas para a avaliação das paróquias é já, por si,

respectivamente, no Facebook, a propósito do primeiro texto. Porém, a questão é muito mais complexa, mesmo sem comentários e avaliações, mesmo sem a ameaça de um ChurchAdvisor no horizonte. Os dados não enganam. Na Arquidiocese de Braga, e imagino que a realidade não seja muito diferente noutras dioceses, o que as pessoas mais procuram na página da internet é o horário das missas. Do mesmo modo que muitas paróquias têm o seu sítio na rede e o seu boletim, outras começam a entrar no mundo das aplicações móveis, onde disponibilizam toda a informação necessária aos seus paroquianos. Nos Estados Unidos, aplicações como ParishWorld Mobile e OneParish ganham cada vez mais utilizadores. Com a aplicação OneParish instalada no smartphone podemos localizar, em todo território dos Estados Unidos, as paróquias, encontrar informações sobre horários das missas e confissões, o nome do pároco, vice-pároco, etc. Em férias ou em viagem de trabalho, ao fim de semana ou em qualquer dia da semana, por motivos espirituais ou por simples curiosidade, no contexto actual, o fiel católico decide quando, onde e, em certo sentido, até como celebrar a sua fé. Há algo de novo aqui? Nada, absolutamente nada. A tecnologia apenas permitiu exponenciar uma realidade já existente, dito de outro modo: a passagem da fé *a la carte* à missa *a la carte* e paróquia *a la carte* ficou à distância de um clique.

**ONE PARISH**  
catholic.connected.community.



bom nome de terceiros, não contém acusações sobre a vida privada de terceiros e não contém linguagem imprópria. Mas não serão estes dados secundários, até irrelevantes, na equação do problema? Colocando

pernicioso, mesmo quando feito pelo maior dos santos. Imagine-se, agora, o uso malévolo destas aplicações, quais “livro de reclamações” ou “lavadouros públicos”, como escreveram Bento Oliveira e João Aguiar,



**PAPA FRANCISCO**  
@pontifex\_pt

**30 Abril 2015**

No meio de tantos problemas, mesmo graves, não percamos a nossa esperança na misericórdia infinita de Deus.

**02 Maio 2015**

O amor de Cristo enche-nos o coração e torna-nos capazes de perdoar sempre.

**05 Maio 2015**

Faz-nos bem passar um pouco de tempo diante do Sacrário, para sentirmos sobre nós o olhar de Jesus.



### FÁTIMA RECEBE FÓRUM DE FORMAÇÃO ANUAL DE EMRC

O centro Paulo VI recebe, de 8 a 10 de Maio, os docentes do país de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), para a edição 2015 do Fórum “Unidos a Deus, ouvimos um Clamor (Evangelii Gaudium, 187-192) a Alegria da Missão na Escola”, que vai procurar levar junto dos professores a inquietação pelos mais pobres”. A participação neste fórum pode ser valorizada para efeitos de formação contínua. Os novos manuais elaborados que completam a oferta de recursos para os docentes também serão apresentados.



### PAPA APELA AO DIÁLOGO ABERTO COM PROTESTANTES

O Papa Francisco recebeu no dia 04 de Maio, no Vaticano, a representante da Igreja luterana da Suécia, Antje Jackelen, e convidou protestantes e católicos a tratar abertamente das suas divergências no que concerne a questões de sexualidade. O Santo Padre sublinhou que não há mais tempo para o desprezo mútuo, dizendo que os fiéis católicos e protestantes “não devem mais ser percebidos como adversários ou competidores, mas reconhecidos como são: irmãos e irmãs”.



### 20 MILHÕES DE EUROS PARA VÍTIMAS DO TERRAMOTO NO NEPAL

A União Europeia (UE) aprovou, nesta segunda-feira, uma ajuda de 20 milhões de euros para as pessoas atingidas pelo terramoto do último 25 de Abril, no Nepal, que causou a morte a mais de sete mil pessoas. De acordo com o serviço informativo da Santa Sé, a iniciativa surgiu através de “um pedido do governo nepalês” e as verbas vão ser doadas, principalmente, para o “suporte financeiro” do país e para o “apoio de emergência” às comunidades mais afectadas.

# ENFRENTAR O MUNDO COMO ÓRFÃOS

ISABEL CORREIA  
E SANDRA SILVA

PROFESSORAS DE PORTUGUÊS



Kazuo Ishiguro nasceu em Nagasáqui em 1954, tendo-se radicado em Inglaterra aos cinco anos. Essa dupla pertença é muito importante na obra “Quando éramos Órfãos” (Gradiva, tradução de Fernanda Pinto Rodrigues, 2000). Este autor japonês escreveu vários livros, de entre os quais se destacam “Nunca me Deixes” e Os “Despojos do Dia”, os quais foram adaptados ao cinema.

Como é frequente na narrativa ishiguriana, deparamo-nos com um narrador não fiável. Numa primeira leitura, dir-se-ia tratar-se de um livro de aventuras (talvez inspirado na obra de sir Arthur Conan Doyle) onde aparece um detetive jovem, abastado, sem laços familiares e assaz seguro de si. Todavia, e ao contrário do que sucede com Sherlock Holmes, o leitor teme que a qualquer momento a confiança do protagonista seja abalada, pelo que a leitura da obra se revela um pouco inquietante. Ora, a inquietude que afeta o leitor é outra característica marcante da obra de Kazuo Ishiguro, provocando um efeito de expectativa que o leva a querer desvendar o mistério.

O jovem Christopher Banks é repatriado para Inglaterra, onde frequenta as melhores escolas, por força do rapto dos pais. Confortavelmente instalado em Londres, e firmemente decidido a prosseguir uma carreira de detetive, cedo se inicia na melhor sociedade londrina, sendo rapidamente reconhecido como um dos seus. É aí que conhece Sarah. Lentamente, os dois jovens aproximam-se. Como frequentemente sucede com as personagens masculinas de Kazuo Ishiguro, Christopher Banks é passivo face aos avanços de Sarah. Pouco antes de esta se casar com sir Cecil, Christopher Banks pressente a sua

inesperada fragilidade, que decorre do facto de também ser órfão.

Desde o início da leitura que o leitor se questionava por que motivo, sendo detetive, Christopher Banks não se dedicava a deslindar o mistério que envolvia o rapto dos pais. É só após o estabelecimento da sua carreira que ocorre a primeira de várias analepses, em que o protagonista conta a sua infância em Xangai. Dir-se-ia que Kazuo Ishiguro abandona a matriz (ou paródia) das histórias de detetives para adotar a matriz dos livros de espionagem. A partir desse momento, a I guerra mundial deixa de ser uma mera ameaça, a que veladamente se referem os londrinos, para ter uma presença cada vez mais marcante na obra. Traça-se um retrato da guerra desde os seus primórdios, com a temática da responsabilidade britânica na questão do ópio – mas também a sua realidade física, a mortalidade e sofrimento que provoca, a igualdade do homem perante a morte, seja ele chinês ou japonês.

Ainda assim, o protagonista não abandona a sua pose algo distante, de detetive dos anos 30, que a tudo escapa incólume. Tendo deslindado o mistério do rapto dos pais, tendo destrinchado o novelo das suas recordações de infância, tendo desmistificado a origem da sua prosperidade, Christopher Banks é um herói masculino típico de Kazuo Ishiguro, tão incapaz de amar a(s) mulher(es) que o atraem como de compreender as implicações políticas do mundo que o rodeia. Escapar incólume tem destas contrapartidas.

Nesta como noutras obras, Kazuo Ishiguro tem um estilo despojado. Há poucas figuras de estilo, pouca adjetivação e as frases são relativamente curtas e sincopadas. Os seus livros marcam pela estrutura, onde predominam as analepses. Pela forma gradual como o psiquismo das personagens é desvendado. E pelos ambientes que recria: a Londres e a Xangai de antes da guerra, as instituições de ensino e a rede de relações que aí se criavam, a vivência britânica colonial, a teia de influências institucionais internacionais, Xangai em guerra. Embora Christopher Banks mantenha distância face ao mundo «real» que o rodeia, a sua investigação leva-o a percorrer espaços nos quais nunca penetraria.

Apesar da linearidade, do despojamento e da ausência de recursos expressivos da descrição, o crescendo de violência implícita impressiona tanto ou mais do que qualquer qualificativo ou qualquer comentário que o narrador pudesse fazer.

N.B. Uma primeira versão deste texto foi publicada em [comunidadeleitura.blogspot.pt](http://comunidadeleitura.blogspot.pt).

# QUEM CUIDA DOS QUE CUIDAM?

JORGE VILAÇA

PADRE | COORDENADOR DA PASTORAL DA SAÚDE

**1.** Podemos gostar mais de umas pessoas do que de outras. E eu gosto mais da “Tia” Laura do que de muitas outras pessoas. E ela de mim, reconheço. Partilhávamos muitos segredos, rezávamos juntos, trocávamos bom humor. “Então, Tia Laura, que fez hoje? – Hoje fui plantar umas couves com a raiz para cima”, dizia na sua fase mais frágil. “E quantos são dois mais dois? – São quatro, exceto quanto a conta está errada”, rematava sorrindo. Era tímida, muito tímida e, sobretudo, não gostava de incomodar ninguém. Falávamos do sério e do banal e saíamos sempre ambos a ganhar. Há dez anos que me oferecia as meias para os pés. Tenho saudades dela. E sei que ainda nos cuidamos.

pude falar, presencialmente. Tenho saudades dela. E sei que ainda nos cuidamos.

**3.** A mão do Sr. Moreira era funda e dura; tão firme para segurar a sachola como para alinhar as profecias. Tinha sempre uma quantas palavras; como quem sabe amanho as terras e os bichos, como quem tira o tempo pelas luas, como quem organiza o futuro pelos santos. Alertou-me desde início: “Desconfio dos padres que entram na igreja diretamente pela sacristia”. Teimoso como a erva que esbeirava nos campos, nunca o levavam de vencido. Na fé, não lhe mexiam uma vírgula: “assim me ensinaram, assim hei-de morrer”. Chegava à igreja



**2.** Tenho uma amiga chamada Maria. Faria muitos anos nos próximos dias. Sim, tenho ainda uma amiga chamada Maria; deixou somente de contar os aniversários. Quase não há nada que se possa escrever sobre ela, de tão simples que foi a sua vida. Cantar na igreja era a sua paixão. Vestia em tons de esperança. Caminhava em passo rápido. Frequentemente carregava os frutos do campo à cabeça. Não falhava à igreja, ao sorriso largo e à boa disposição. Há tempos aproximou-se de mim, de mão fechada. Abriu a minha mão e colocou nela cinquenta cêntimos dizendo-me: “eram para o Senhor; mas hoje quero que sejam para o senhor”. Nunca mais lhe

na pontualidade das andorinhas: antes da primavera, anunciando-a. E todos os dias ganhava os misteriosos dez “oiros”: “ofereço a missinha pelas minhas intenções, ganho aí dez ‘oiros’ e vou ler o jornal do dia anterior para saber da bola”. Tenho saudades dele. E sei que ainda nos cuidamos.

**4.** “Sabe, estou tão cansada de cuidar dos outros. São sempre primeiro os outros...”. Formal ou informalmente, em casa ou fora dela, cuidar de outros é uma escolha vital. Não sem riscos, obviamente. Vale por isso a pergunta: quem cuida dos que cuidam?

Depois da Economia e da Cultura, avançamos para outro dos ambientes indicados no plano pastoral da Arquidiocese de Braga para viver a fé: a família.

Quando começámos a equacionar este texto, pensámos de imediato que seria fácil redigi-lo, tendo em conta o tema tão conhecido e, à primeira vista, tão simples.

Não podíamos estar mais enganados. A “família” não só é complexa como possui, actualmente, muitos e diferentes contornos um pouco por todo o mundo. O conceito – como o conhecemos tradicionalmente – alterou-se profundamente. Já não existe apenas “família”, mas sim “famílias”. Isso mesmo, no plural: a definição original desdobrou-se em muitas outras.

A discussão pública sobre o tema tem sido vasta, com a “família” presente nos mais variados palcos, desde os eclesiais aos civis. As questões associadas aos diversos rostos que a família agora assume estão na ordem do dia. E vale a pena reflectir, debater, exprimir e trocar opiniões livremente. O debate e o diálogo aberto ajudam não só a trilhar novos caminhos como a perscrutar realidades muitas vezes escondidas.

### UM ENVELHECIMENTO PRECOCE

Podemos estar a caminho de um país envelhecido. Esta realidade já abriu telejornais, já esteve nas capas de vários jornais, já foi, tal como a família, debatida em praça pública. Mas será que já parámos um pouco para pensar no que significa isto realmente?

A taxa de natalidade tem baixado drasticamente em Portugal, com cada vez menos bebés a nascer.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) tem revelado dados no mínimo preocupantes. A média de filhos por mulher, em 2013, situava-se em 1,21. Dez anos antes era de 1,44.

Aquele que é considerado o nível mínimo para que haja uma substituição de gerações nos países mais desenvolvidos não surge em Portugal desde 1981. Que consequências podem advir se este fenómeno se prolongar? A insustentabilidade do estado social pode acentuar-se, assim

como o conflito entre gerações. É difícil imaginar um país evoluído com lacunas no que toca a camadas mais jovens. A juntar este fenómeno ao das migrações, corremos efectivamente o risco de nos tornarmos num país profundamente envelhecido.

A precariedade laboral, os salários baixos e a instabilidade do país são os principais factores apontados para uma diminuição do número de filhos por agregado familiar. E estes mesmos filhos, que certamente quererão constituir a sua própria família, abandonam o lar cada vez mais tarde. Entramos num ciclo vicioso: menos filhos, menos futuros pais e mães. No caso da mulher, esta problemática assume contornos ainda mais graves. A maternidade tardia pode trazer várias complicações e consequências. Uma delas? Menos filhos. A partir de determinada idade, a concepção de uma criança torna-se pouco ou nada viável.

Como já foi referido, a natalidade tem sido um dos temas mais quentes da praça pública. Os números recentes e preocupantes colocaram o fenómeno do declínio demográfico na agenda política. Em Julho de 2014, uma comissão designada pelo Primeiro-Ministro, Pedro Passos Coelho, e coordenada por Joaquim Azevedo, apresentou um relatório sobre natalidade e demografia. Além de dados estatísticos variados, o documento sugeriu uma política de apoio à família, alicerçada num catálogo de medidas pró-natalidade. Diminuição nos encargos fiscais, compensações financeiras que aumentam proporcionalmente ao número de filhos, deduções no IRS, facilidade de pagamentos em creches e escolas... Estas são apenas algumas das medidas sugeridas.

Ainda assim, há uma pergunta que continua a ser feita e que nos parece muito válida: vale a pena haver medidas de incentivo se não há emprego?

# FAMÍLIA = FAMÍLIA



## VALE A PENA HAVER MEDIDAS DE INCENTIVO À NATALIDADE SE NÃO HÁ EMPREGO?

### A FAMÍLIA EXIGE TRABALHO

A frase escolhida para apresentar esta secção não surge por mero acaso: a família exige trabalho em vários sentidos. Não só é preciso esforço e dedicação para manter uma harmonia familiar, como não é possível alcançá-la se o desemprego fizer parte do agregado.

A par da taxa de natalidade, também a taxa de emprego tem decrescido significativamente. Algumas melhorias ou estabilidade têm vindo a ser apontadas nos últimos estudos revelados, que muitas vezes excluem a relação entre esses números e os correspondentes às migrações. Existe também um grande número de pessoas a trabalhar em regimes precários que não chega sequer a ser contabilizado.

Os relatos assustadores que se ouvem, sobretudo pela parte de

jovens a ingressarem no mundo do trabalho, são muitos. Regimes de estágio perpetuados com a sucessiva contratação de jovens. Regime de recibos verdes continuado e sem perspectivas de futuro. “Há mais quem queira trabalhar!”: lema muitas vezes adoptado pelas entidades patronais e dirigido aos funcionários como ameaça.

Com os trabalhadores a ter cada vez mais que “dar o litro” para “agarrar” o emprego, torna-se muito difícil a compatibilidade entre família e trabalho. As horas extraordinárias sucessivas e o trabalho por turnos não facilitam a estabilidade familiar. Quando os dois pais se encontram a trabalhar, o tempo de qualidade em família diminui substancialmente. Se os dois chegam a casa pelo início da noite – e com os inevitáveis afazeres domésticos pela frente – que tempo há para passarem juntos? E para brincar ou falar com as crianças, que tradicionalmente se deitam mais cedo? No dia seguinte há colégio ou escola...

Sair mais cedo para levar uma das crianças a uma consulta ou falar com um professor torna-se uma tarefa árdua para alguns pais: embora constituam acções que se encontram protegidas a nível legal, podem ser sinónimos de represálias por parte das entidades patronais. Talvez também por essa razão os avós tenham um papel cada vez mais interventivo no que toca à educação e acompanhamento dos netos: os pais deixaram de ter tempo de o fazer. E que riscos é que isto comporta?



Em primeiro lugar, pode levar a um fosso entre pais e filhos. Aqueles que deveriam ser os principais educadores e as traves-mestras daquele que constitui o edifício educacional podem ser remetidos a agentes secundários. A família e o papel de cada um dos seus elementos pode modificar-se totalmente.

Outro elemento geralmente apontado como perturbador da compatibilidade entre parentalidade e trabalho é a entrada da mulher no mundo laboral. Se antes a mulher ficava em casa a tomar conta dos filhos, agora o mais recorrente é priorizar os estudos e a carreira. Esta realidade tem os seus lados positivos e negativos. Mais instrução significa maior conhecimento – que pode ser aplicado na educação das crianças e vida familiar – mas também significa menos tempo para aplicar esse mesmo conhecimento. Estas premissas já foram, no entanto, contrariadas. A participação feminina no mercado de trabalho deixou de estar relacionada com a quebra da natalidade, concluiu Olivier Thévenon, autor de um estudo comparado entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), apresentado na conferência Nascer em Portugal, em 2012. A análise dos dados mostrou que, a longo prazo, a recuperação da taxa de natalidade se verificou nos países com maior número de mulheres empregadas. O que é certo é que cada vez mais

aumentam os relatos de famílias levadas à ruína por um ou vários dos factores que apontámos. Em casos extremos, a família pode ficar destruída a ponto de as crianças serem afastadas do núcleo e entregues a instituições enquanto a situação familiar não é regularizada.

### PADRINHOS QUE SÃO “PAIS”

Segundo o relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens CASA 2014, um total de 8.470 crianças e jovens estavam, em 2014, em instituições de acolhimento em Portugal. A adopção e as famílias de acolhimento constituem soluções para este problema.

Uma medida diferente e relativamente recente – nasceu em 2010 – é a do apadrinhamento civil. De acordo com o Instituto da Segurança Social, o apadrinhamento civil é uma “relação jurídica do tipo familiar que se constitui entre uma criança ou jovem com menos de 18 anos e uma pessoa singular ou família, a quem são atribuídas as responsabilidades parentais, e entre quem se estabelecem vínculos afectivos”. Os padrinhos assumem o papel de pais. Em termos legais, a lei dá aos primeiros alguns direitos equiparados aos dos segundos, tanto em termos de benefícios sociais, como no IRS, nas faltas ao trabalho e licenças. No entanto, a não ser por impedimentos legais, estes padrinhos podem e devem informar as famílias dos percursos dos menores, não se extinguindo o vínculo biológico das crianças. O apadrinhamento é uma forma de proporcionar um ambiente familiar aos menores que podem, até, vir a regressar às famílias de origem se a sua situação for dada como estável. A questão do vínculo biológico pode ser um dos factores que tem impedido o sucesso desta medida. De acordo com Teresa Antunes, responsável pela Unidade

de Adopção, Apadrinhamento Civil e Acolhimento Familiar da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, desde que a medida existe não terá havido mais de vinte apadrinhamentos no país. Tendo em conta o número elevado de crianças elegíveis para apadrinhamento, os vinte casos constituem uma fracção mínima e insuficiente. Já Guilherme de Oliveira, mentor da lei do apadrinhamento civil, em entrevista ao jornal Público apontou outros factores: não só a falta de entusiasmo do novo governo, mas também a falta de promoção e de “marketing” do apadrinhamento. Para o especialista em Direito da Família, “se ninguém sabe, ninguém usa”. O maior problema é apenas um, “ninguém” saber o que é o apadrinhamento civil.

Apesar destes dados, nos últimos anos também foram algumas as pessoas a vir a público denunciar determinados constrangimentos que as impedem de levar a cabo o apadrinhamento. Sejam quais forem as razões para a medida não estar a ter o sucesso desejável, o certo é que não deixa de ser, teoricamente, um incentivo à adaptação de menores a um ambiente familiar e a tudo o que ele comporta.

### AS UNIÕES HOMOSSEXUAIS E A CO-ADOPÇÃO

De todos os temas que nos propusemos aqui tratar, este é, sem dúvida, o mais delicado.

Em Portugal, a 11 de Fevereiro de 2010 foi aprovada em Assembleia da República a lei que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Promulgada pelo Presidente da República a 17 de Maio, entrou em vigor no dia 5 de Junho do mesmo ano. O código civil foi alterado, bem como a definição de casamento. De acordo com o Artigo 1577º do Código Civil, “casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas que pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida”. Desapareceu da frase original a expressão “de sexo diferente”. Muitos foram os casamentos homossexuais celebrados desde essa data, mesmo com os últimos números revelados pelo INE a apontar para um decréscimo deste tipo de uniões.

Em Maio de 2013 foi aprovado na generalidade em plenário o projecto de lei do PS que previa a co-adopção de crianças por casais do mesmo sexo, casados ou em união de facto. No entanto, foi chumbado na especialidade em Março de 2014.

Como não houve nenhum artigo aprovado na especialidade, não existiu votação final global. O projecto propunha dar resposta ao que era considerado pelo partido um problema: o aumento nos últimos anos do número de casais do mesmo sexo, casados ou unidos de facto, que constituem família e cujos filhos, biológicos ou adoptados, crescem num “contexto familiar desprovido de protecção jurídica adequada”. Um exemplo: duas mulheres vivem uma relação homossexual e decidem adoptar uma criança. A adopção por parte de casais homossexuais não é permitida, mas uma criança pode ser adoptada por uma pessoa a título individual. Desta forma, a mulher X adopta formalmente a criança, sendo estabelecido um vínculo jurídico. A mulher Y não tem quaisquer direitos sobre o menor, embora tenha as mesmas responsabilidades parentais. Que acontece à criança se a mulher X morrer?

Foi a pensar nesta e noutras probabilidades que o projecto foi apresentado, com o objectivo principal de “promover o superior interesse da criança”.

Mesmo depois do chumbo do projecto, o assunto continua a ser debatido na esfera pública. Um dado curioso e que tem contribuído para a discussão é o facto de Portugal ser o único país em que o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo se encontra consagrado, mas que exclui a possibilidade de adopção ou co-adopção por essas mesmas pessoas.

Este texto nunca teve a pretensão de assustar ninguém, embora alguns elementos aqui apresentados, sobretudo em relação à natalidade e emprego, sejam preocupantes. Mas não podíamos deixar de retratar a realidade. O próximo trimestre será dedicado à temática da família. E nele iremos tentar incluir o que é factual e real, o que existe actualmente e aquilo que se foi transformando. É urgente pensar a família, algo que só é possível se forem tidas em conta todas as realidades existentes e inegáveis. Se a família é a “célula básica da sociedade”, então não só é urgente, como imperativo.



### A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO DEIXOU DE ESTAR RELACIONADA COM A QUEBRA DA NATALIDADE

# VI DOMINGO PÁSCOA

## TEMA

**“PARA QUE A MINHA  
ALEGRIA ESTEJA EM VÓS  
E A VOSSA ALEGRIA SEJA  
COMPLETA”**

## ATITUDE DE VIDA

Para guardarmos os mandamentos de Deus, precisamos de os ter assumido em nós. Para isso, vamos recordá-los, ao longo desta semana. Para os colocarmos em prática, vamos concretizar um dos mandamentos num gesto concreto para com uma pessoa que nos seja próxima.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

## LITURGIA DA PALAVRA

### LEITURA I Actos 10, 25-26

#### Leitura dos Actos dos Apóstolos

Naqueles dias, Pedro chegou a casa de Cornélio. Este veio-lhe ao encontro e prostrou-se a seus pés. Mas Pedro levantou-o, dizendo: «Levanta-te, que eu também sou um simples homem». Pedro disse-lhe ainda: «Na verdade, eu reconheço que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça é-Lhe agradável». Ainda Pedro falava, quando o Espírito desceu sobre todos os que estavam a ouvir a palavra. E todos os fiéis convertidos do judaísmo, que tinham vindo com Pedro, ficaram maravilhados ao verem que o Espírito Santo se difundia também sobre os gentios, pois ouviam-nos falar em diversas línguas e glorificar a Deus. Pedro então declarou: «Poderá alguém recusar a água do Baptismo aos que receberam o Espírito Santo, como nós?». E ordenou que fossem baptizados em nome de Jesus Cristo. Então, pediram-Lhe que ficasse alguns dias com eles.

### SALMO RESPONSORIAL Salmo Salmo 97 (98)

#### Refrão: O Senhor manifestou a salvação a todos os povos.

Cantai ao Senhor um cântico novo pelas maravilhas que Ele operou. A sua mão e o seu santo braço Lhe deram a vitória.

O Senhor deu a conhecer a salvação, revelou aos olhos das nações a sua justiça. Recordou-Se da sua bondade e fidelidade em favor da casa de Israel.

Os confins da terra puderam ver a salvação do nosso Deus. Aclamai o Senhor, terra inteira, exultai de alegria e cantai.

### LEITURA II 1 Jo 4, 7-10

#### Leitura da Primeira Epístola de São João

Caríssimos: Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Assim se manifestou o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele. Nisto

consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.

### EVANGELHO Jo 15, 9-17

#### Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Assim como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas, para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa. É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai. Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e destinei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça. E assim, tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo concederá. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros».



laboratório de fé

DEUS NÃO FAZ ACEÇÃO DE PESSOAS

ANO B — SEXTO DOMINGO DE PÁSCOA — 2015

# ITINERÁRIO SIMBÓLICO

**FRUTO DO ESPÍRITO SANTO**  
Alegria  
**ELEMENTO SIMBÓLICO**  
Uvas

**MATERIAL:** A Palavra de Deus aponta o centro da vida cristã que é o amor. Como este dinamismo de amor que vem de Deus nos convida a dar frutos, segundo a acção do Espírito Santo, vamos prosseguir este itinerário pascal, gerando alegria. Por isso, nesta semana o fruto da alegria será simbolizado nas uvas, dentro de um cesto. À semelhança das semanas anteriores e como expressão da comunidade reunida no amor, o outro cesto conterá flores (preferencialmente, gerberas cor de laranja), das quais emergirá uma coroa de rei, para evidenciar que o nosso amor é chamado a configurar-se ao de Deus.

## SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** *Anunciai com voz de júbilo*, Az. Oliveira (IC, p. 279; NRMS 32)
- **GLÓRIA:** C. Silva (OC p. 532)
- **SANTO:** V - C. Silva (OC, p. 540)
- **CORDEIRO:** M. Simoes (IC, p. 61; NRMS 50-51)
- **COM:** *Vós sereis meus amigos*, M. Luís (CPD 564)
- **PÓS-COM:** *Não fostes vós que Me escolhestes*, Az. Oliveira (IC, p. 481; NRMS 59)
- **FINAL:** *Regina Coeli*, (NCT 205)

## REFLEXÃO

Maravilhosa actualidade da palavra de Deus! A Liturgia da Palavra do sexto Domingo de Páscoa (Ano B) está marcada por uma prodigiosa simplicidade e por uma perturbadora actualidade. Simplicidade, uma vez que se trata de amar. Basta amar! Assim, somos fiéis à nossa vocação de filhos de Deus (segunda leitura), cumulados com uma alegria «completa» (evangelho). Actualidade, na medida em que recorda a importância do respeito por todos os seres humanos, pois «Deus não faz aceção de pessoas» (primeira leitura). Ele oferece a todos a salvação (salmo). Eis, para nós, cristãos, o fundamento da fraternidade universal e da caridade sem limites, uma caridade que anuncia, pelas nossas obras, a misericórdia do Pai.

**«Deus não faz aceção de pessoas»**  
A primeira leitura contém fragmentos da boa nova sobre Jesus Cristo anunciada por Pedro na casa de Cornélio, centurião romano. A catequese que Pedro dirige a Cornélio, aos seus parentes e amigos, é resultado da acção do Espírito Santo (nomeado três vezes). É o Espírito quem prepara Pedro e os gentios para tudo o que se vai seguir. É também o Espírito quem determina as consequências daquilo que é anunciado por Pedro. As consequências são essenciais: os gentios poderão incorporar-se, de pleno direito, na comunidade dos seguidores do Ressuscitado, a Igreja. «O Espírito desceu sobre todos os que estavam a ouvir a palavra». Todos hão-de conhecer o amor universal de Deus! A narração é muito parecida com o sucedido no dia de Pentecostes (cf. Atos dos Apóstolos 2): «ouviam-nos falar em diversas línguas e glorificar a Deus».

Até então os israelitas eram os destinatários (privilegiados) da misericórdia de Deus; agora, também os gentios recebem o dom do Espírito Santo. Depois disto, Pedro, que tinha sido um defensor zeloso da pureza ritual, não vê qualquer impedimento para o baptismo do centurião e da sua família. «Deus não faz acepção de pessoas». Este foi o passo mais delicado que a primeira comunidade cristã teve de dar: a abertura aos gentios incircuncisos. Até os primeiros anunciadores do Evangelho ficam perplexos (mas também maravilhados) perante as iniciativas do Espírito Santo!

«A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza de uma porta fechada. Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a ‘porta’: o Baptismo. [...] Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa» (Francisco, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual [EG], 47).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in [www.laboratoriodafe.net](http://www.laboratoriodafe.net)

## ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Reunida em assembleia para celebrar o centro da sua fé, o mistério pascal de Jesus Cristo sempre vivo e actuante, a comunidade cristã, no exercício da sua missão sacerdotal, torna presente e actualiza o amor de Jesus Cristo na vida Igreja, pela participação digna e frutuosa em cada Domingo. A alegria de encontrarmos a nossa comunidade reunida em assembleia gera a necessidade de a exprimir através do canto, com o qual se inicia a Eucaristia. Acompanhando a primeira procissão da Eucaristia – a procissão de entrada –, o canto traduz a participação de todos nós, em assembleia, enquanto membros de um único corpo, no qual Jesus Cristo está vivo e presente. Uma vez que este corpo assume o ritmo próprio da liturgia, o cântico de entrada deve estar em sintonia com os diferentes tempos do ano litúrgico. Além disso, a execução deste cântico deve ser feita por toda a assembleia, mas é desejável que todos em conjunto sejamos orientados por um coro ou um cantor, que possa exercer este ministério, com toda a simplicidade e dignidade.

## EUCOLOGIA

Orações próprias do VI Domingo da Páscoa (*Missal Romano*, p. 363)  
Oração Eucarística V/C com prefácio próprio (*Missal Romano*, pp. 1169ss)

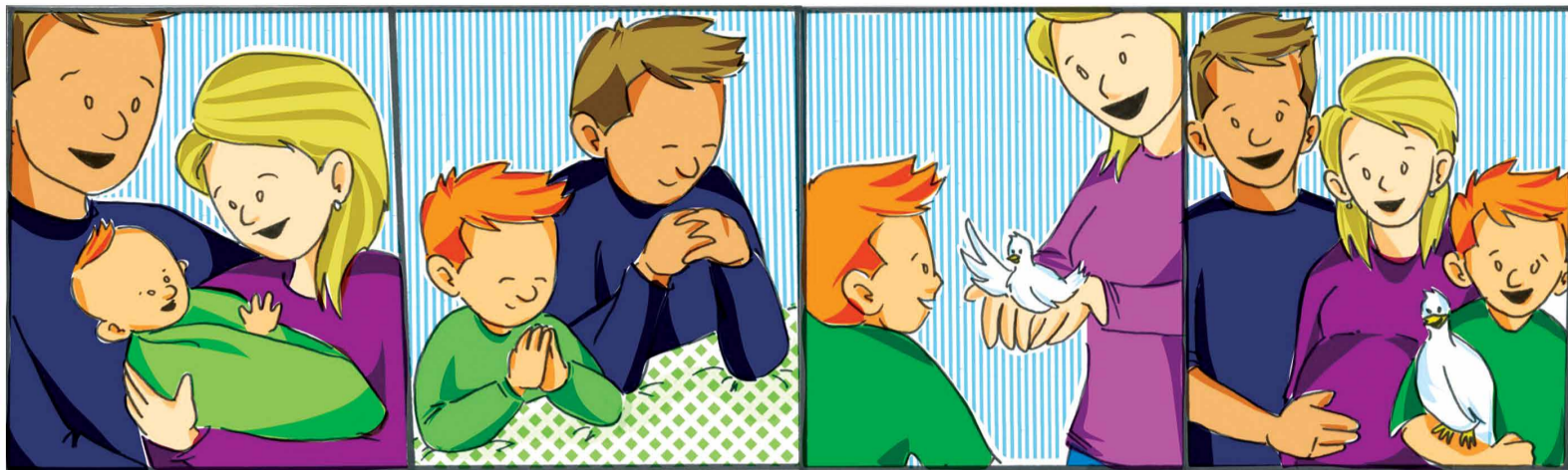
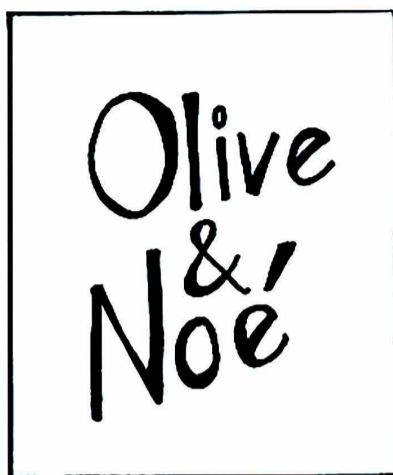
## ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos:  
Roguem ao Pai, que está nos céus, que escute as nossas preces pela Igreja e por todas as pessoas do mundo, dizendo, com fé:

- R.** Ouvi, Senhor, o vosso povo.
1. Pelas Igrejas Cristãs que confessam a ressurreição de Jesus Cristo, continuando a incarná-la na vida quotidiana, e pelos cristãos que perderam a fé, oremos.
  2. Pelos governantes de todas as nações, pelos cidadãos que vivem com justiça e por aqueles que são vítimas inocentes de catástrofes naturais e de acidentes, oremos.
  3. Pelos não crentes que se convertem ao Evangelho, pelos Judeus que ainda esperam o Messias e pelos adultos que se preparam para o Baptismo, oremos.
  4. Pelos discípulos que Jesus escolhe e envia, pelos que amam Deus acima de tudo e por aqueles que se entregam pelos amigos, não se cansando de dar a vida pela fé oremos.
  5. Pelas crianças que recebem Cristo pela primeira vez no sacramento da Eucaristia, pelos jovens que se preparam para o matrimónio e pelas famílias onde existe e cresce o amor, oremos.

Deus de amor e nosso Pai, ouvi a oração dos vossos filhos e fazei que o dom do Espírito Santo guarde em nós a memória sempre viva das palavras de Jesus aos seus discípulos.

Por Cristo, Senhor nosso.



## ADRIANO MOREIRA DEBATE “UMA ESTRATÉGIA DAS IGREJAS”

O Papa Francisco lançou às comunidades o desafio de “renovação” e, a partir desse convite, o Fórum Interdisciplinar da Pastoral Universitária de Braga convidou o professor universitário e analista político Adriano Moreira para uma tertúlia de reflexão sobre “Uma estratégia das Igrejas”.

O objectivo desta iniciativa visa compreender como a Igreja tem ajudado a superar a “globalização da indiferença” e como a misericórdia é usada como “antídoto” para esse mesmo flagelo.

A conversa com o professor está agendada para a próxima quarta-feira, dia 13 de Maio, às 21h00, no Centro Pastoral Universitário. As inscrições podem ser feitas gratuitamente na página oficial da Arquidiocese.

O professor Adriano Moreira destacou-se pelo seu percurso académico e pela sua acção na qualidade de Ministro do Ultramar, durante o Estado Novo, ao abolir o Estatuto do Indigenato e ao assinar a portaria que reabriu o Campo do Tarrafal. No actual regime democrático, foi também Presidente do CDS.



### AGENDA

07.05.2015

**ENCONTRO COM O ESCRITOR MANUEL ALEGRE: “UM ESCRITOR ENTRE NÓS”**

21h30 / Biblioteca Lúcio Craveiro

08.05.2015 A 10.05.2015

**RETIRO “É SEMPRE TEMPO DE COMEÇAR – LIDAR COM PERDAS E PROVAÇÕES”**

CESM - Seminário da Silva

08.05.2015

**“AS MARIAS” COM ANTÓNIO RAMINHOS**

22h00 / São Mamede CAE

## RETIRO PARA LIDAR COM PERDAS E PROVAÇÕES

O Centro Espírito Santo e Missão (CESM), em Barcelos, promove a realização de um fim-de-semana de retiro, com o tema “É sempre tempo de recomeçar - Lidar com as minhas perdas e/ou provações”.

O retiro promovido pelo Seminário da Silva realiza-se de 8 a 10 de Maio e terá como orientador o padre José Castro. Na sexta-feira inicia por volta das 21h30 e termina no Domingo, dia 10 de Maio, após o almoço.



O objectivo do retiro passa por aprender a lidar com as vidas interrompidas por uma morte inesperada de um ente querido ou da perda de algo muito significativo, e aprender a recomeçar.

Ajudar a atravessar a provação, porque é sempre tempo de recomeçar, é a finalidade deste fim de semana. “Se conhece alguém, ajude-a/o a participar”, constitui o repto desta iniciativa lançada pelo CESM - Seminário da Silva.



**PROGRAMA SER IGREJA**  
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o cônego Narciso Carneiro Fernandes, Capelão do Santuário de Nossa Senhora da Abadia.



Faça um Like

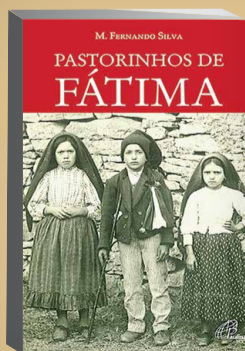


Siga-nos no **Facebook**

### FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira  
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Joana Araújo, Nuno Adães), Flávia Barbosa  
Design: Romão Figueiredo  
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho  
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt

### LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



**MANUEL FERNANDO SILVA**

**PASTORINHOS DE FÁTIMA**

O cônego Fernando Silva dedicou muitas horas e dias em trabalho de investigação, perpassando textos, documentários, entrevistas e reportagens de diversa ordem, tanto de apologia à intervenção divina no ciclo das Aparições, como também à volta de documentação que combateu essas devotas interpretações. Fátima foi constituída farol para muitas vidas e esteio para muitas inquietações. Nestes textos, o autor propõe a cada leitor uma ajuda para este encontrar a sua própria visão dos factos ocorridos, e, quem sabe, a resposta para muitas das suas perguntas.

PVP  
**€14,99**

**10%\***  
Desconto

\* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 07 a 14 de Maio de 2015.